

Bahia



Do barraco de lona à produção de alimentos saudáveis

Genilda Alves de Souza, de 55 anos, e seu esposo, Gervásio Brito, de 66 anos, chegaram ao Assentamento Vale da Conquista, em Sobradinho (BA), no ano de 2010. Vindos de Petrolina (PE), onde trabalhavam como agricultores em empresas privadas, eles passaram a integrar o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), motivados pela busca por melhores condições de vida e pelo sonho de construir um futuro no campo.

Naquele período, o assentamento ainda não era legalizado e não havia divisão dos lotes. O reconhecimento oficial pelo INCRA só aconteceu em 2014 e, a partir de 2015, as famílias começaram a ser realocadas nas agrovilas, garantindo espaço para moradia e produção.

Segundo dona Genilda, o começo no novo local não foi fácil, principalmente pela dificuldade de acesso à água. “No início foi um pouco difícil porque tudo no começo é mais difícil, né? Principalmente por não ter água, por não ter casa. Para você ver como era difícil, logo quando a gente chegou aqui, a gente morava num barraco e tinha uma cisterna emergencial que era de lona e era abastecida por um carro pipa. Aí quando a gente foi transferido para essa agrovila aqui, a gente tinha só caixa d’água mesmo, uma caixa de mil litros e outra de quinhentos”, conta.

A chegada da cisterna de consumo, em 2019, marcou uma mudança importante na rotina da família. “A chegada da cisterna melhorou muito, a gente não passou mais sufoco porque ela acumula água e aí a gente não tem mais essa dificuldade de faltar, até mesmo para a lida de casa”, explica dona Genilda.

Antes da cisterna, a família já produzia algumas fruteiras e animais, mas com muitas limitações. A falta de água dificultava ampliar o plantio e manter uma produção contínua. Esse cenário começou a mudar de forma mais significativa em 2024, com a chegada da cisterna de produção do tipo calçadão, por meio do Programa Uma Terra e Duas Águas (P1+2).



investimento do fomento rural



Genilda e Gervásio



cisterna de produção



manga, maxixe e tamarindo cultivados na propriedade



“Depois da cisterna calçadão, a gente conseguiu aumentar a nossa produção. Porque ela serve como outra reserva de água para plantar coisas que a gente tinha vontade, mas não tinha como. A água não dava. Aqui a gente tinha um espaço que não tinha nada, agora a gente planta milho, macaxeira, temos uma hortinha. No quintal, nunca falta alimento! Sempre tem um coentro, cebolinha, alface, couve, beterraba, cenoura, maxixe”, conta Genilda.

Além do consumo da família, parte da produção é compartilhada e trocada com vizinhos. Já a venda acontece apenas de forma pontual. “O que a gente vende geralmente é manga. As outras coisas são mais para o consumo e para dar aos vizinhos, às vezes trocar”, conta. Segundo ela, essa prática faz diferença no dia a dia. “Na cidade tudo o que a gente quer tem que comprar. Aqui não. Se eu tenho, reparto. Ontem mesmo dei um balde de maxixe à vizinha, depois dei outro a outro, porque é tanto que ninguém dá conta de comer tudo.”



sistemas de produção da família

Em 2025, Genilda, junto com outros beneficiários e beneficiárias de Sobradinho, participou de um intercâmbio na Escola Família Agrícola de Sobradinho (EFAS), uma das etapas formativas do P1+2. A experiência abriu novos horizontes e deu origem a um novo sonho para a agricultora: a implementação de uma área de agrocaatinga - que é um sistema agroflorestal que combina a preservação e o manejo sustentável de plantas nativas da Caatinga com culturas agrícolas e frutíferas.

“Eu aprendi muitas coisas com as atividades do projeto. A gente recebeu orientações sobre coisas que a gente não sabia, às vezes até sabia, mas não observava, não percebia, passava despercebido. E eu achei muito bom, principalmente quando a gente foi lá na escola para o intercâmbio. Eu saí de lá pensando: ‘eu quero uma agrocaatinga! Ela ainda não está pronta, mas já plantei uma aroeira que eu tinha a muda e agora eu quero uma umburana de cheiro e outras árvores da caatinga’, conta.

Junto com a cisterna de produção de 52 mil litros, a família também teve acesso ao recurso do Fomento Rural, no valor de R\$ 4,6 mil, destinado a investimentos na melhoria da propriedade. O apoio é resultado da articulação entre duas políticas públicas: o Programa Cisternas, responsável pela execução do P1+2, e o Fomento Rural, que garante o incentivo financeiro.

Segundo Genilda, esse recurso foi fundamental para fortalecer a produção. “Esse dinheiro ajudou muito a gente a organizar melhor o quintal produtivo, comprar material e investir no que precisava para produzir mais e melhor. A gente fez aqui uma casinha para os porcos com um sistema de pastagem. Com água e um apoio desse, a gente consegue planejar, pensar no futuro e melhorar a vida da família aqui dentro”, afirma.

Aos 55 anos, Genilda olha para a propriedade com esperança e novos planos. Entre eles, está o desejo de ampliar e organizar ainda mais a horta, fortalecendo o que já foi conquistado. Para ela, poder produzir o próprio alimento e criar animais no quintal é algo que vai além da geração de renda e da economia doméstica. “Eu acho que isso é uma coisa que não tem preço para a vida de um ser humano. É muito bom. Eu me criei assim, na roça, e poder viver isso de novo é uma tranquilidade. É muito bom”, afirma.

